



GT 28. Das coleções aos sujeitos, dos sujeitos às coleções: nova luz sobre os acervos etnográficos musealizados

Coordenador(es):

Adriana Russi Tavares de Mello (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Lúcia Hussak Van Velthem (Museu Paraense Emílio Goeldi)

Sessão 1

Debatedor/a: Marília Xavier Cury (MAE-USP)

Sessão 2

Debatedor/a: Lia Fernandes Peixinho (UNIRIO)

Desde o final da década de 1990 os processos museológicos relacionados às coleções etnográficas vem sendo alvo de críticas, reflexões e significativas mudanças. Nesse sentido, a antropologia e a museologia reviram seus pressupostos epistemológicos o que provocou entre outros a constituição de uma nova ética na relação com os chamados “informantes” ou “povos representados” nas coleções. Paralelamente, em diferentes localidades os povos tradicionais, os povos indígenas e outros povos tem se organizado para pressionar governos, pesquisadores e a sociedade em geral na garantia de seus direitos, o que por sua vez em muitos casos desaguou na formulação de políticas próprias que lhes asseguram tais direitos. Direito ao território, às memórias, às tradições, à língua, à educação diferenciada e ao patrimônio são apenas alguns destes direitos. Implicadas com tais mudanças, diversas instituições e iniciativas lançam uma nova luz sobre as coleções etnográficas, iluminando práticas que são construídas por um fazer colaborativo com povos indígenas, populações tradicionais e outros grupos sociais na busca de novos sentidos para além das próprias coleções. Assim, este GT pretende acolher relatos de experiências e reflexões, conduzidas em espaços museais ou fora deles por diferentes atores, que versam sobre o duplo caminho que articula coleções e sujeitos, sujeitos e coleções.

Interpretações Tikuna de máscaras e indumentárias rituais a partir do Museu Magüta.

Autoria: Priscila Faulhaber Barbosa (MAST)

A presente comunicação trata de significados conferidos a objetos rituais por colaboradores Tikuna. Focaliza-se as interpretações de representantes deste povo sobre máscaras e indumentárias em sala do Museu Magüta onde estão reunidos diferentes exemplares de tais objetos. Dialoga-se com estudos anteriores sobre artefatos do Museu Goeldi e do Museu Nacional, em projeto de pesquisa que desenvolve sistema orientado a objetos que organiza o acesso a fontes documentais arquivísticas, imagísticas e testemunhos sobre relações entre interpretações no âmbito histórico-político, propondo estabelecer uma produção paralela aos chamados sistemas de informação e bancos de dados, envolvendo a produção de um catálogo digital organizando e disponibilizando imagens relacionadas a artefatos rituais. Priorizam-se conhecimentos sobre o ritual de puberdade (indumentárias, instrumentos e recintos), meteorologia e associações céu-terra com base na análise iconográfica. O estudo abrange o exame de artefatos com base nas traduções e interpretações de representantes desse povo com o intuito de apoiar o fortalecimento do Museu Magüta (o primeiro museu indígena do Brasil) partindo da coleção Nimuendajú do Museu Paraense Emílio Goeldi e do Museu Nacional levando ainda em conta a correlação entre objetos desse povo que hoje estão dispersos em um amplo espectro de Museus no Brasil e em diferentes países. O estudo tem o intuito colaborar para o estreitamento dos vínculos do Museu Magüta e processos culturais nas comunidades Tikuna, partindo da coleção



Nimuendajú do Museu Paraense Emílio Goeldi e do Museu Nacional levando ainda em conta a correlação entre objetos que hoje estão dispersos em um amplo espectro de Museus no Brasil e em diferentes países. Para além dos chamados sistemas de informação e bancos de dados, a intenção é incluir o diálogo com o pensamento Tikuna no desenvolvimento de sistema orientado a objetos de modo a considerar em uma via epistemológica fundamentada na antropologia crítica, de modo a pensar a organização do acesso a fontes documentais arquivísticas, imagísticas e testemunhos sobre relações entre interpretações no âmbito histórico-político



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: